

Sexta-Feira, 02 de Outubro de 2026

O barulho da chuva

Poucos sons são tão acolhedores quanto o da chuva caindo sobre um telhado de telhas de barro!

As conversas diminuía, o cheiro da terra molhada invadia a casa e todos acompanhavam, sem pressa, a força da água.

A chuva transformava o ambiente num refúgio de paz, onde bastava observar o tempo passar para perceber que a vida também sabia descansar.

Até hoje considero um dos mais belos espetáculos da natureza ouvir a chuva tamborilar sobre as telhas antigas, enquanto o perfume da terra molhada invade a casa.

Nesses momentos, o silêncio parece indispensável.

Ele permite que a alma acompanhe o cair da água, os pingos escorrendo pelos beirais e o suave murmúrio das enxurradas seguindo seu caminho.

Era bonito ver as águas deslizarem pelas ruas ainda sem pavimentação.

A terra absorvia parte da chuva, as poças refletiam o céu e tudo parecia respirar aliviado depois do calor.

Certa vez perguntaram-me se o asfalto seria o responsável pelo aumento da temperatura em Cuiabá.

Respondi que acreditava ser muito maior o efeito do desaparecimento das árvores.

A Cuiabá da minha infância fazia jus ao apelido de Cidade Verde.

Suas ruas eram generosamente arborizadas, e os quintais, repletos de mangueiras, cajueiros e outras árvores frondosas, impediam a entrada do sol, distribuindo sombras pelas calçadas e refrescando o ambiente.

Naquele tempo, as três cidades mais importantes de Mato Grosso eram conhecidas por seus apelidos: Cuiabá era a Cidade Verde, pela exuberante arborização; Corumbá, a Cidade Branca, pela riqueza de seus calcários; e Campo Grande, a Cidade Morena, pela poeira avermelhada que cobria suas ruas.

Os apelidos desapareceram com o passar dos anos.

Perderam-se também os nomes carinhosos dados às pessoas, às ruas, aos becos e às ladeiras.

Na casa de meu pai, eram dez irmãos, e todos possuíam um ou mais apelidos.

Alguns tinham dois e até três apelidos.

Faziam parte da intimidade da família e da identidade de cada um.

Assim também era a cidade.

Talvez por isso, quando ouço a chuva bater num velho telhado de barro, tenho a impressão de que ela desperta lembranças que o tempo nunca conseguiu levar.

Gabriel Novis Neves é médico, ex-reitor da UFMT e ex-secretário de Estado